

teatro, anarquia e um alerta aos pluralistas | edson passetti*

Judith Malina. *Diário de Judith Malina. O Living Theatre em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro, 2008, 272 pp. Fotos de Juvenal Pereira.

The Living Theatre preso no Brasil por trabalhar com prisioneiros da pobreza. Palavras de Julian Beck. Presos por trabalhar, em Ouro Preto, com favelados, miseráveis e principalmente filhos de operários. Por montar, com eles, “Seis sonhos sobre mamãe”, o início do que seria “O legado de Caim” — a ampliação da experimentação libertária do grupo com teatro nas ruas e com o público.

Judith Malina, integrante do grupo e mulher de Beck, mesmo presa junto com o *Living Theatre* (LT) por uso de maconha e subversão, em julho de 1971, continuou escrevendo seu diário. As páginas relativas a este mês, redigidas na prisão do DOPS, em Belo Horizonte, e na cadeia, em Ouro Preto, foram publicadas, naqueles dias, no jornal *O Estado de Minas* e no *Correio da Manhã*. Agora, acompanhadas de ofícios e ensaios compõem o livro *Diário de Judith Malina*.

Uma publicação estatal

O Arquivo Público Mineiro publica esse torneado diário de Judith Malina escrito na prisão brasileira, com honestidade e esperteza, acompanhado de alguns frag-

* Professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP. Coordena o Nu-Sol.

mentos relacionados à passagem do grupo pelo Brasil, e ilustrado por alguns documentos com as assinaturas oficiais rasuradas, pertencentes ao Arquivo do Dops (Departamento de Ordem e Política e Social criado durante o Estado Novo e mortalmente acionado na fase ditatorial seguinte: a do regime militar iniciado em 1964).

Na abertura do volume, a Secretária de Cultura se pergunta: “como transformar essa massa impressa em algo útil, que pudesse servir à democracia, aos direitos humanos, à diferença de pensamento, à liberdade de criação?” Responde o Secretário Adjunto de Estado da Cultura, desejando que a edição “singelamente contribua, com seu testemunho universal, para uma pedagogia da paz”.

O livro *Diário de Judith Malina. O Living Theatre em Minas Gerais* em papel couchê fosco 145g/m², com tiragem de mil exemplares é o produto destinado a pessoas e instituições selecionadas pelo governo de Minas Gerais. Um presente que confirma o pluralismo democrático, ou melhor, que ajuda a compreender um pouco mais como os pluralistas encantam seguidores da direita à esquerda. No caso deste livro de circulação restrita, deu-se pela mídia, satisfação à opinião pública a respeito do uso de verba governamental. Assim, o Estado prestou e presta contas de seu governo ditatorial e do seu efeito devastador sobre a arte e a liberdade, reiterando a proposital identidade entre Estado e público.

Judith Malina em seu diário e o *Living Theatre* em suas atividades não compartilham essa noção de público com o governo mineiro. Para estes anarquistas americanos, o público começa onde se suprime o Estado e não em suas instituições maleáveis e repressoras.

Apoiada por verso de canção do mineiro Milton Nascimento, Heloisa Maria Murgel Starling redige, a seu modo, “Coisas que ficaram muito tempo por dizer”. Para ela a prisão do LT no Brasil, assim como as anteriores nos Estados Unidos, dizem respeito ao fato do grupo ser

um caso de polícia. Equívoco da autora. O LT não foi um caso de polícia; é um caso de Estado, deportado mais de uma vez. Seus integrantes não eram ingênuos nem utópicos; queriam mudar o mundo, sim, mas do jeito anarquista, no instante. O LT foi criado na convivência libertária com o educador e teatrólogo Paul Goodman, um professor expulso da universidade americana por ser homossexual. O LT fazia e faz o acontecimento; permanece na luta libertária contra a prisão, problematizando o militarismo e ampliando resistências. Não se acanha mesmo diante de outros anarquistas que não suportam suas invenções arrojadas, como o Black-block, na derradeira empolgação anti-globalização, em Gênova, em 2001.

Voltando 30 anos antes, ao responder a um jornalista se voltaria ao Brasil depois da temporada na cadeia, Julian Beck, que leu *Os sertões* na prisão, disse que poderia regressar sim, não para Ouro Preto, mas direto para o nordeste.

Um ensaio como peste

Ilion Troya acrescenta um breve e intenso ensaio ao final do livro, acompanhado de uma precisa cronologia dos experimentos do LT. Leva o leitor à sua convivência com o grupo desde a época em que, ainda um jovem estudante de Ciências Sociais, viu o LT atuar pelas ruas de Rio Claro – São Paulo. Relata em poucas e certas palavras a criação do grupo chamada “Seis sonhos para mamãe” na companhia de pequenos estudantes de uma escola, abordando as violências domésticas e a mecânica obediência às surras explicitadas por esses filhos de mineradores em Ouro Preto. No Dias das Mães daquele ano de 1971, mesmo sob a tentativa de proibição por parte do padre, reacionários e de delatores, a encenação ocorreu no salão da comunidade com o apoio e a coragem da diretora da escola. Provocaram um instante de delicadeza e reflexão naquelas mulheres. Dias mais

tarde, na prisão de Belo Horizonte, encenaram com encarcerados, outra criação, “Sonhos de prisioneiros” que terminava com “O teatro e a peste” de Antonin Artaud. Contaram com o apoio declarado de um padre que considerava insuportável o regime de delação entre os próprios presos. O LT não escamoteava; tampouco se escusava diante de violências e práticas de torturas privadas ou públicas exercidas sobre crianças, presos comuns, presos políticos.

No fim de “Paradise Now” anunciavam: o teatro está nas ruas! Para o LT, nas ruas, escolas, cadeias, teatro propriamente dito como encenação, como ação. Ilion Troya contribui de maneira diferenciada ao livro falando da atuação do LT no presente e como isso fortificou a vida de cada integrante ao lidar com a ditadura brasileira acusando-os inicialmente por porte de drogas e depois também por subversão. Ao consultar a cronologia o leitor constatará desdobramentos de “O legado de Caim”, iniciado no Brasil, e encenado nos Estados Unidos entre 1973 e 1975. Ali está também a composição “Sonhos de prisioneiros”, realizada na Colônia Penal de Ribeirão Neves — Minas Gerais, junto com outros efeitos dos desdobramentos acontecidos na Europa e que incluíram não só experimentações com pacientes de hospitais psiquiátricos, como a encenação do recente assassinato, em 1976, do anarquista Giuseppe Pinelli, na Itália. O LT era e é um perigo ao Estado. Burra nenhuma ditadura foi, é ou será: ela sabe onde reside a *peste* que a destruirá e ao seu trono do Estado.

O diário amoroso de Judith Malina

O Diário de Judith Malina relata a prisão dos integrantes do LT em Ouro Preto em 1 de julho de 1971, seu deslocamento para Belo Horizonte, o julgamento em Ouro Preto, os diversos apoios recebidos de intelectuais e artistas brasileiros e internacionais, mas regis-

tra, principalmente, os gestos amorosos e inesquecíveis de uma população pobre e sensível.

Judith Malina sabe escrever um diário sem torná-lo hermético e enfadonho. Dilui o que seria um fragmento de biografia, condescendências e piedades num ensaio de existência que arruína a ligeireza quase inteligente das reportagens jornalísticas em voga.

Ao chegar presa ao DOPS, em Belo Horizonte, sobressai uma dúvida libertária em Judith Malina diante dos curiosos: “quem era jornalista, quem era policial”? Eles só queriam saber se o LT fumava maconha. Foi neste mês aprisionado que ela e Julian Beck recebem a notícia do nascimento da neta. Foi mesmo na prisão que Judith, mãe preocupada com a filha pequena, mostra-se tranqüila por saber que Isha se encontra com a família gentil e carinhosa de Geralda, na periferia de Ouro Preto.

Na cela convive com Dulce, presa política, apaixonada por Tito, outro preso político que se encontra numa cela com homens do LT, e que formarão o par Romeu e Julieta daqueles dias. Lê *Ilíada* com auxílio de dicionário, matando pulgas nos colchões. E, de repente, saída de uma tragédia grega faz aparecer, vindo de Nova York, Mabel Beck, a mãe de Julian, trazendo travesseiros, cobertores, apetrechos e que brada caber a uma mãe estar onde o filho sofre. Judith sabe para quem escreve e o que é o teatro.

Não cansa de anotar no diário que lê, escreve, come razoavelmente bem e vê Julian todos os dias porque o LT tem dinheiro. Cada vez mais aprimora o português conversando com Dulce, a quem ensina inglês. Ouve pelo rádio que Nixon irá à China estreitar amizades, o que considera retórica do governante — o efeito histórico dessa viagem repercute hoje na atual ditadura neoliberal chinesa. Ouve também um preso dizer: “os Estados Unidos não são uma democracia, são uma plutocracia” — e isso ultrapassa a retórica.

Ela e Julian concordam em dar entrevistas para a TV Globo e a revista *Veja*, sabendo que são mídias desfavoráveis. Pretendem enfatizar a importância de estilos de vida experimentais e manter a atenção do público voltada para os efeitos da ditadura. São teatrais e políticos. Judith retoma a leitura de Martin Buber, *Eu e tu*, e constata que o autor “insufla uma emoção religiosa que é quase insuportável neste ambiente”, mesmo porque respeita o ateísmo e a jovialidade de Dulce. Afirma que os atores franceses dizem “bobagem com elegância” quando falam de teatro moderno. E desliga o rádio.

Junto com a depressão e a pieguice cresce sua admiração por Dulce que lá está há muito tempo. Chega Régis, uma bela encenqueira. Anota Judith: “aqui estão sentadas as duas: a jovem pirada de que a política não pode ter nenhum significado para ela e a brava subversiva que não consegue ver a revolução do estilo de vida”.

Julian, em 18 de julho, lhe fala sobre a prisão de Proudhon, como este obtinha livros, da visita que recebia da mulher e como redigiu escritos importantes. A prisão do século 19, pelo menos para intelectuais, era *melhor* que a do 20, é o que parece concluir Beck. No dia 21, Judith Malina escreve que esteve com Julian a maior parte do dia e que “toda diferença está nisto. Amor”. Judith e Julian sabem que a prisão é menos difícil quando os amantes estão juntos. Ela constata que acompanhada a felicidade é possível mesmo na prisão. Com isso põe por terra o horror disseminado por carcereiros, presos e poderosos assujeitados. Judith Malina e Julian Beck destroem a prisão por dentro dela, usando a corrupção em proveito do libertarismo, das amizades em qualquer espaço; na solidariedade aos torturados, na recusa ao habeas-corpus e na escolha por ficarem presos, ao concluírem que assim sairiam mais depressa da prisão-Brasil, num tempo em que o chefe da ditadura não era conhecido como presidente de república, como hoje em dia certos politólogos politicamente cor-

retos pretendem caracterizar. Os integrantes do LT são anarquistas que não contemporizam com a prisão.

Durante o julgamento Judith Malina segue a “direção de cena” proposta por uma mulher de teatro de São Paulo e fala alto, bem alto. Lembra das pessoas queridas e das deladoras que acusam o nômade LT de “sujos e perigosos”. Chegam telegramas internacionais, atores e intelectuais brasileiros para se contra-posicionarem ao lado deles. Os norte-americanos chegam à lua. E Judith teatralmente escreve: “aqui gente passa fome. Pode-se estar alegre?” Constata depois de 30 dias que nunca tinha ficado presa tanto tempo, nas oito vezes anteriores e conclui: “a prisão nos faz sentir sentimentais!”

Guarda na memória o depoimento da diretora da escola Saramenha, D. Delfina, sobre a convivência do LT com as crianças e a receptividade das mães, professores e de muitas pessoas preciosas de Ouro Preto. Nunca mais, nem ela nem ninguém tiveram notícias de Dulce e Tito: *desapareceram!* Judith, Julian e quase todos do LT foram deportados pelo ato do executivo de 27 de agosto de 1971.

Antes da chegada a Ouro Preto há anotações do diário sobre a miséria, o esgoto a céu aberto, o fedor e as pessoas bonitas da favela da Catacumba, no Rio de Janeiro; esboço do ensaio para “O legado de Caim”, num campo de futebol, na favela do Buraco Frio, em São Paulo, e que terminou com um bando de crianças descalças dizendo: “Exijo um par de sapatos!”. A favela era outra, os miseráveis menos destroçados, o uso de drogas uma experimentação de liberdade, a subversão um vigor do jovem na invenção de éticos estilos de vida.

Antes de fechar o livro, há uma manchete estampada num jornal e que ainda permanece viva: “O teatro anarquista quer voltar ao Brasil para o segundo ato”.